



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**GÊNERO E DIVERSIDADE: UMA PROPOSTA PARA A
ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL**

JÉSSICA RAYANNE MESSIAS FREITAS

THATIANNY ALVES DE LIMA SILVA

Planaltina - DF

Junho de 2019



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA CIÊNCIAS NATURAIS

**GÊNERO E DIVERSIDADE: UMA PROPOSTA PARA A
ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL**

JÉSSICA RAYANNE MESSIAS FREITAS

THATIANNY ALVES DE LIMA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Prof(a). Thatianny Alves de Lima Silva.

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho em primeiro lugar aos meus pais, Danúzia e Jean, e as minhas irmãs, Jenniffer e Aimée, que tanto me apoiaram nesse caminho de altos e baixos e nunca deixaram que eu desistisse de nada que me propus a fazer.

Agradeço também a minha amiga e irmã de coração Juliana que sempre esteve comigo me apoiando, ouvindo minhas reclamações e comemorando comigo cada avanço que o trabalho teve.

A professora Thatianny que aceitou ser minha orientadora. Toda paciência e carinho que teve comigo nos momentos mais difíceis da escrita.

As amigas que a UnB me deu, Alícia, Bárbara, Camila, Celina, Emílyya, Gabriele e Samara, com as quais compartilhei momentos de angústia e de felicidade e que tornaram meus dias menos difíceis.

RESUMO

A escola e os agentes que a ela se vinculam tem atuação fundamental para a formação de sujeitos empáticos e respeitosos, bem como as desconstruções da percepção patológica quanto à sexualidade, gênero e diversidade. Esse trabalho aborda as relações de gênero e diversidade com professoras/es do ensino fundamental (anos finais), com o intuito de elaborar materiais e/ou estratégias que viabilizem de forma adequada a abordagem de gênero. Assim, foi realizada uma oficina com dois encontros com professoras de uma escola do Distrito Federal em que foi possível identificar os conhecimentos prévios em relação a temática, salientando a importância do debate em relação às relações de gênero. Os dados foram coletados a partir de um diário de campo.

Palavras-chaves: gênero; diversidade; formação de professores;

Sumário

INTRODUÇÃO	3
OBJETIVOS	5
Objetivo geral	5
Objetivos específicos	5
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
Diversidade (d)e gênero	6
Gênero, diversidade e educação	8
Formação de professoras e professores	10
METODOLOGIA.....	13
RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	22
APÊNDICE 1	25

INTRODUÇÃO

As pesquisas relacionadas ao tema gênero e diversidade e o que compete à educação tem se ampliado nos últimos tempos, por diversos motivos: compreender a escola enquanto ambiente transformador e possivelmente implicado em promover relações respeitadas, empáticas em busca de contextos sociais mais equânimes.

Para Corrêa (2003), mesmo com várias tentativas de implementação de diversos programas voltados às relações de gênero e sexualidade nas escolas brasileiras, seja no espaço diferente do horário da aula ou em um tempo e espaço incluído na grade horária, há uma dificuldade em executar programas dentro da escola em si, ou quando existem, são inconstantes e voltados diretamente às patologias.

A escola, portanto, tem atuação fundamental na desconstrução da percepção patológica da sexualidade, gênero e diversidade, contribuindo para a formação de sujeitos, oferecendo não apenas uma compreensão teórica e científica de leitura do mundo. Segundo Beraldo (2003), na escola acontece uma interação entre o mundo e as pessoas que o cercam. A autora também ressalta que a escola não quer e nem pode fazer a função da família, mas que ela deve disponibilizar aprendizagens que visem ao desenvolvimento do indivíduo em todos os aspectos.

O artigo 205 da Constituição Federal de 1988 referente à educação defende que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Ademais, o ambiente escolar contribui diretamente para a formação de sujeitos, que considerem a diversidade humana, o respeito à mesma bem como a busca por igualdade de direitos. Sendo assim, deve tomar iniciativas para combater qualquer forma de manifestação preconceituosa quanto a diversidade no que tange relações de gênero.

Segundo Darsie e Saraiva (2016), é necessário que educadoras e educadores revejam saberes e práticas que possam reforçar determinismos biológicos encontrados em padrões de gênero. Esses, que enrijecem as performances de mulheres e homens em comportamentos determinados para cada sexo, contribuem para a desigualdade de gênero. Desse modo, é importante salientar que a/o docente pode se perceber enquanto

mediadora/mediador tanto nos processos formativos como também nos processos identitários de alunas e alunos. Pensar e atuar, enquanto docente, levando em consideração a diversidade e gênero é, também, gerar reflexões quanto às diferentes histórias e identidades e possibilitar ações entre indivíduos de modo mais respeitoso e empático.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Elaborar coletivamente com as professoras e professores do ensino fundamental (anos finais) recursos didáticos ou estratégias pedagógicas que busquem abordar o tema *gênero e diversidade*, a fim de incentivar uma educação equânime e com respeito à diversidade.

Objetivos específicos

- Propor oficina com docentes do ensino fundamental anos finais, que favoreça:
 - Identificar concepções prévias de professores e professoras quanto ao gênero, diversidade e a atuação dos mesmos e mesmas ao abordar a temática em sala de aula.
 - Sensibilizar quanto à necessidade em debater as relações de gênero e diversidade na escola.
 - Evidenciar o contexto plural e diverso dos ambientes formais de ensino, identificando a diversidade de gênero como apenas um dos aspectos desta diversidade.
 - Verificar se a oficina favoreceu ambiente colaborativo e respeitoso para abordar a temática acima descrita.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O debate acerca da temática gênero e diversidade é de suma importância para promover o respeito e garantir os direitos dos seres humanos em todos os aspectos. Abordar o tema dentro do espaço escolar se faz necessário devido a escola ser um espaço plural e diverso e que prepara, juntamente com a família, as/os alunas/os para a vida em sociedade.

Diversos documentos oficiais brasileiros fornecem aparatos legais para que esse respeito aos direitos e deveres humanos sejam garantidos, além de fornecer o que deve ser trabalhado dentro da escola. São eles: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), Lei de Diretrizes e Bases - LDB (BRASIL, 1996), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997; 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2013) e Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018).

Com isso, essa fundamentação teórica busca abordar o início dos debates relacionados à relação de gênero, traçando, em uma linha histórica, a importância de tratar sobre o tema dentro da escola e, ainda, a formação de professores como forma de promover a abordagem da temática.

Diversidade (d)e gênero

A sociedade permanece em constante processo de mudança e seus reflexos são percebidos à medida que interagimos com o mundo ao nosso redor. Apesar da constante mudança da sociedade no que diz respeito às políticas públicas e maior acesso aos espaços antes negados à população localizada à margem muito ainda há de ser feito. Para Bortolini (2010), mesmo que a cada dia convivemos mais com a diversidade (sexual) cada vez menos rotulada, ainda assim atitudes preconceituosas, agressivas e discriminatórias provenientes da camada mais conservadora da sociedade se fazem presentes.

O movimento feminista e LGBT contribuíram para a discussão acerca de gênero e sexualidade. De acordo com Castro, Abramovay e Silva (2004), nos anos 70, em consequência da atividade do movimento feminista, há uma maior dedicação aos estudos sobre gênero, ecoando, inclusive, no pensamento acadêmico.

Para Louro (2011), discutir gênero é se referir a masculinidades e feminilidades, conceitos esses que mudam de uma cultura para outra. Louro (1997) enfatiza que o

conceito de gênero está fortemente ligado à história do movimento feminista contemporâneo. Sendo gênero um conceito construído socialmente de acordo com a cultura na qual a pessoa está inserida, ainda assim, o conceito, moldado pela sociedade, não a atende como um todo visto que “(...) não existe uma única forma de viver a feminilidade e a masculinidade, assim como não existe ‘a mulher’ e ‘o homem’, mas várias e diferentes mulheres e homens que não são idênticos entre si(...)” (SILVA; MAGALHÃES, 2013, p.32)

Para Silva e Magalhães (2013), devemos ter atenção com o modo que os gêneros são representados nas variadas esferas sociais uma vez que essas representações posicionam sujeitos ao passo que criam as identidades e diferenças. As atribuições de gênero têm, muitas vezes, um grande peso na vida pessoal, no sentido de que as pessoas que destoam do estabelecido como feminino e masculino, impostos pela sociedade, sofrem com a constante imposição do ter que se encaixar em padrões pré-determinados, podendo acarretar em diversos problemas pessoais e de interação social.

Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo; tudo o que nela é singular, desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos (SOARES, 2005, p.175).

Gênero e sexualidade são conceitos que, apesar de estarem relacionados no que diz respeito às características da pessoa, não apresentam o mesmo significado e um não depende necessariamente do outro. Louro (2000), explica que as identidades de gênero se referem às variadas formas de viver a masculinidade ou a feminilidade enquanto que sexualidade remete a como as pessoas vivenciam prazeres e desejos sexuais próprios.

Em relação à diferença e diversidade, Candau (2008) aborda que a origem da modernidade evidenciou a questão da igualdade dos seres humanos, independentemente de qualquer característica que possa diferenciá-los; porém, atualmente, o centro desse interesse foi deslocado, colocando agora em evidência o tema da diferença. “No entanto, atualmente a questão da diferença assume importância especial e transforma-se num direito, não só o direito dos diferentes a serem iguais, mas o direito de afirmar a diferença” (CANDAU, 2008, p.47). Para a autora, é necessário articular igualdade e diferença tendo

assim a “igualdade na diferença”, reconhecendo as diferenças culturais ao passo que supera a desigualdade.

Gênero, diversidade e educação

A escola contribui para o desenvolvimento individual e social da criança e da/o adolescente que passam mais tempo nela do que na própria casa, junto à família. Para Santos (2008), a escola pública deve ser o espaço das liberdades democráticas. Ela precisa instigar a reflexão sobre as diferenças e os preconceitos, buscando sensibilizar todas/os envolvidas/os no processo educacional para que estejam atentas/os às situações que geram preconceito e geram desigualdades.

A escola é, também, um dos ambientes onde a pessoa entra em contato com indivíduos de diferentes classes, raças, credos, culturas e ideologias. Para Araújo (1998), além da função da escola de democratizar o acesso aos conteúdos culturais, historicamente construídos, ela tem, também, a função de ser co-responsável pelo desenvolvimento individual em todos os aspectos de seus membros, com o objetivo de inserir essas/es cidadãs/cidadãos autônomos e conscientes em uma sociedade plural e democrática. De acordo com Costa (2015), professoras e professores, equipe pedagógica e direção escolar devem dar visibilidade à diversidade ao passo que discutem as diferenças a fim de entender e ouvir os outros já que estas experiências proporcionam a abordagem do desconhecido, oferecendo a informação necessária para quebrar mitos e estereótipos que servem de base para a discriminação.

A LDB (BRASIL, 1996), em seu artigo 3º, cita os princípios que norteiam o ensino. Em seu inciso III, afirma o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e, no inciso IV, respeito à liberdade e apreço à tolerância. Esse artigo está de acordo com os artigos 205 e 206 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) que visam ao oferecimento de um ensino de qualidade.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino. (BRASIL, 1996)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) citam como um dos objetivos do ensino fundamental:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1998, p.6)

Ainda segundo o PCN (BRASIL, 1998), reconhece-se que os valores humanos não são exclusivos do aprendizado científico além de que a ciência deve ser assimilada em suas conexões com a tecnologia e as outras questões sociais e ambientais. Sendo assim, é evidenciada a necessidade de estabelecer um vínculo entre as ciências da natureza, além das humanas, e questões sociais, sugerindo um espaço para a discussão de assuntos de cunho social.

Orientação sexual é tido pelo PCN como um tema transversal e dentro dessa categoria encontram-se “[...]Três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS.” (BRASIL, 1998).

Em relação à temática, no preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1998), encontra-se a necessidade de valorizar e respeitar os direitos humanos uma vez que ir contra os mesmos, resultou/resultam em atos cruéis que ultrajaram/ultrajam a consciência humana. Sendo assim, entende-se a necessidade de abordar questões relacionadas a gênero, por exemplo, pautadas no respeito à diversidade para que sejam evitadas situações que venham a corroborar para uma sociedade cada vez mais injusta e intolerante.

Em diversos documentos, como a DCN (BRASIL, 2013), é estimulado o respeito à diversidade. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) é um documento importante que orienta o planejamento curricular das escolas. Nele, tem-se a importância em abordar temas contemporâneos e abrangentes, como as relações de sexualidade e gênero, que devem "permeiar o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo" (BRASIL, 2013, p.23). Trabalhar a partir da diferença e da diversidade são estratégias pedagógicas para buscar uma educação equânime, que reduza preconceitos e estimule o respeito.

Com todo esse aparato legal, temos base e justificativas que reforçam a ideia de trabalhar o respeito às diversidades tão presentes e importantes dentro da sociedade.

Formação de professoras e professores

Todas as profissões passam por mudanças e adequações ao longo do tempo. Com a profissão de professoras e professores não foi diferente. Segundo Medeiros e Bezerra (2016), as décadas de 80 e 90 foram de intensa discussão acerca da formação de professores/as, possibilitando outros olhares sobre o ensino e a reformulação dos cursos de Graduação, com maior fomento as pós-graduações no Brasil.

Segundo Saviani (2009), assim que os cursos de licenciatura e pedagogia foram implantados nas universidades, era vigente a formação conhecida como 3+1 na qual as/os discentes estudavam por 3 anos os conteúdos referentes às disciplinas a serem lecionadas e por 1 ano as disciplinas referentes à educação, prática docente. Porém, anos mais tarde, a configuração da grade dos cursos mudou. Passou-se a ter uma formação integradora na qual são cursadas, ao mesmo tempo, disciplinas de educação e as demais disciplinas do currículo.

O curso de Licenciatura em Ciências Naturais foi criado, tendo em mente as demandas de professoras e professores dessa área para atender alunos do 6º ao 9º ano o que até então era feito por profissionais de outras áreas, inclusive áreas fora da educação. O Parecer CNE/CP 9/2001 defende a garantia de formar professoras e professores que dominem efetivamente os conteúdos da sua área de formação Biologia, Física, Química, Astronomia, Geologia, no caso de Ciências Naturais o que nem sempre acontece, pois é comum se deparar com docentes preparados para atuar somente em uma dessas áreas.

Como aparece no Projeto Político Pedagógico do Curso (PPPC), o Campus Planaltina da Universidade de Brasília concebeu em 2006 o curso de Licenciatura em Ciências Naturais a fim de democratizar o acesso ao ensino superior enquanto promove o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região. Como objetivo do curso, tem-se:

Oferecer uma formação pedagógica voltada não só para os conteúdos específicos de ciências da natureza, mas também para a compreensão de que a construção do conhecimento é histórica, cultural, contextualizada e vai além do campo da ciência, visando à formação de um profissional com atuação ética e responsável na

sociedade, com uma visão de ciência como construção humana, dentro de um contexto sócio-histórico e cultural (PLANALTINA, 2013, p.24)

Na LDB (BRASIL, 1996), a formação continuada fornece às professoras e professores meios de aprimorar a profissão.

Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere ao inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão: (Regulamento)

III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis

Art. 87. É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei.

§ 3º O Distrito Federal, cada Estado e Município, e, supletivamente, a União, devem: (Redação dada pela Lei nº 11.330, de 2006)

III - realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância.

(BRASIL, 1996)

Gonçalves (2007), define que “[...] O professor deve ter competência para ensinar, o que significa que ninguém ensina o que não sabe” (p.73), sendo assim, o que não foi passado durante a formação inicial pode, e muitas vezes deve ser abordado durante cursos de formação continuada a fim de proporcionar meio do/a professor/a adquirir aquele conhecimento e poder então compartilhar com suas/seus alunas/os.

Rodrigues e Salles (2011), defendem a importância da formação continuada, essa que é fundamental para preencher lacunas deixadas pela formação inicial que, muitas vezes, não oferecem no currículo temáticas relacionadas à gênero, sexualidade e diversidade. Ainda segundo as autoras, a formação continuada só é possível com a o interesse e a curiosidade das/os professoras/es quando buscam esse tipo de formação.

Investir na formação continuada é de suma importância para a atividade docente. Professoras e professores devem sempre buscar se atualizar e estar a par das novas demandas, não apenas relacionadas aos conteúdos, mas que refletem as mudanças sociais. Entretanto, há diversos empecilhos que podem inviabilizar a busca pela formação continuada por parte desses/as profissionais. Dentre eles, destaca-se a desvalorização da profissão. Para Silva e Oliveira (2014), o processo de desvalorização do magistério tem consequências no saber e no fazer do/a professor/a, uma vez que há desânimo e

acomodação devido ao cenário de baixos salários, péssimas condições de trabalho, carga horária exorbitante, acúmulo de funções além de problemas de saúde. “[...] A formação continuada é urgente e necessária não meramente para desenvolver artefatos técnicos, mas, principalmente como espaço para o diálogo, a reflexão e troca de experiências” (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p.71).

A formação continuada é grande aliada no que diz respeito a suprir a defasagem em determinados assuntos além de também ajudar na renovação dos conhecimentos das/dos professoras/es.

METODOLOGIA

Neste trabalho, foi utilizada a metodologia qualitativa com delineamento de pesquisa participante. Segundo Sampiere, Collado e Lucio (2003), o enfoque qualitativo visa maior proximidade entre o sujeito que pesquisa e a população investigada uma vez que essa metodologia abre um espaço para o compartilhamento de experiências e possibilita uma relação de confiança entre sujeitos. Desta maneira, será utilizada a metodologia qualitativa uma vez que esse enfoque “utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação” (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013, p.33).

A pesquisa participante, segundo Haguette (2013), é caracterizada por elementos importantes como a realização da ação e da investigação simultaneamente, a participação de pesquisadoras/es em conjunto com pesquisados/as e o objetivo de mudança ou transformação social.

Para a realização deste trabalho, foram realizados dois (2) encontros em semanas consecutivas, com professoras e professores de diferentes disciplinas do ensino fundamental anos finais.

As técnicas utilizadas para coleta de dados foram observação participante, rodas e conversa e atividades pedagógicas e resultaram, respectivamente, nos seguintes produtos diário de campo, gravações em áudio e as produções do grupo.

A análise de dados foi feita mediante as compreensões de Lüdke e André (1986) que se dá pela leitura repetitiva e o agrupamento dos pontos que se repetem.

Encontro	Objetivos	Procedimentos	Materiais usados
1	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar os conhecimentos prévios relacionados ao tema gênero • Sensibilizar quanto a importância de abordar dentro do espaço escolar os conceitos de gênero e diversidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da pesquisadora e do projeto • Apresentação do grupo (nome, disciplina e quanto tempo leciona) • Espalhar algumas frases pelo chão da sala e pedir para que o grupo leia e se aproxime da que mais se identifica, seja por já ter ouvido, falado, pensado ou 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartolinas coloridas • Papel pardo • Canetas hidrocor

		<p>por outras razões, formando grupos menores.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pedir para que os grupos menores conversem sobre os motivos que fizeram as pessoas se aproximarem da frase enquanto evidenciam fatos da escola e/ou da sala de aula que podem ter colaborado para essa escolha. • Entregar uma cartolina para cada grupo e pedir que escrevam os fatos que foram levantados durante a conversa. • Em seguida, pedir que apresentem para o grupo todo o motivo das aproximações. Durante as apresentações ir questionando sobre as possíveis relações com gênero. • Escrever essas concepções em um papel pardo. • Levar fotos que expressem a diversidade de gênero dentro da sala de aula. A partir das fotos observar as concepções do grupo. 	
2	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma atividade feita pelas/os professoras/es a fim de abordar a temática dentro do espaço escolar 	<ul style="list-style-type: none"> • Este encontro foi planejado a partir de alguns elementos da atividade 22 “sexualidade e gênero: o que está nos livros didáticos” do caderno de atividades do livro “Gênero e diversidade na escola: formação de 	<ul style="list-style-type: none"> • Papel pardo • Canetas coloridas • Folhas A4

		<p>professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. ”:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entregar os livros didáticos para as/os professoras/es. • Dar um tempo para lerem/ folhearem • Espalhar frases pela sala • Pedir que formem grupos em torno das frases • Dar um tempo para os grupos discutirem sobre as frases • Discussão com todo o grupo • Trazer as frases para o contexto escolar, relacionando com situações de sala de aula • Propor “pensando nas demandas das/os alunas/os, como, por meio de uma atividade, que possa a ver a sala em sua diversidade, ajudando nas inclusões dos alunos quanto à diversidade de gênero” para que o grupo elabore em conjunto a proposta. 	
--	--	---	--

Quadro 1: planejamento dos encontros

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os encontros relacionados a essa pesquisa foram realizados em uma escola do Riacho Fundo I. Outras escolas foram convidadas a participar, porém, devido a diversos empecilhos, como, principalmente, a falta de tempo para a aplicação da oficina, também foi observado que representantes de algumas escolas se mostravam contra a proposta devido ao tema, que ainda gera muita polêmica. A partir do contato com profissionais já conhecidos, foi possível estabelecer contato e efetivar os encontros.

A oficina foi realizada com 7 professoras do ensino fundamental, das disciplinas de Ciências Naturais, Educação Física e Português. Considerando que a abordagem da temática gênero é transversal (BRASIL, 1998), foi de extrema relevância a participação de profissionais de áreas distintas. Apesar do convite ter sido direcionado a todas e todos professoras/es dos anos finais, somente as professoras dos componentes curriculares relatados estiveram presentes. As professoras que aceitaram participar da oficina podem ter aceitado por diversos motivos, dentre eles a identificação com a temática ou a curiosidade. Desde o momento inicial, em que a proposta foi apresentada, deixou-se evidente que a participação e permanência era voluntária. É necessário considerar o quão relevante foi identificar a presença dessas professoras, em um número relativamente expressivo.

O primeiro encontro iniciou com a apresentação da pesquisadora, da pesquisa e do grupo participante da oficina. Seguindo com as atividades descritas na metodologia.

Ao dispor frases no chão da sala, percebeu-se que, dentre as frases, constavam: “Para de querer chamar tanta atenção”, “Não use essa roupa na escola. Vai chamar a atenção dos meninos” e “Pare de chorar. Seja homem”, somente as duas primeiras foram escolhidas. Iniciou-se um debate em que as participantes levantavam inúmeras situações vivenciadas em sala de aula. Nomes e características de estudantes que se encaixavam nessas frases foram levantados. As situações citadas pelo grupo foram descritas nos cartazes.

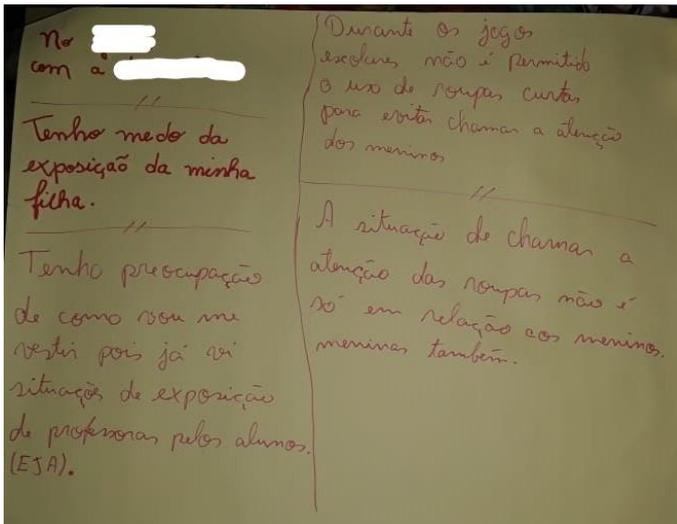


Figura 1: cartaz produzido pelo grupo que escolheu a frase "Não use essa roupa na escola. Vai chamar atenção dos alunos". Frases do cartaz: "No [jogo da escola] com a [nome da aluna]", "Tenho medo da exposição da minha filha", "Tenho preocupação de como vou me vestir pois já vi situações de exposição de professoras pelos alunos (E.J.A.)", "Durante os jogos escolares não é permitido o uso de roupas curtas para não chamar a atenção dos meninos" e "A situação de chamar a atenção das roupas não é só em relação aos meninos, meninas também".

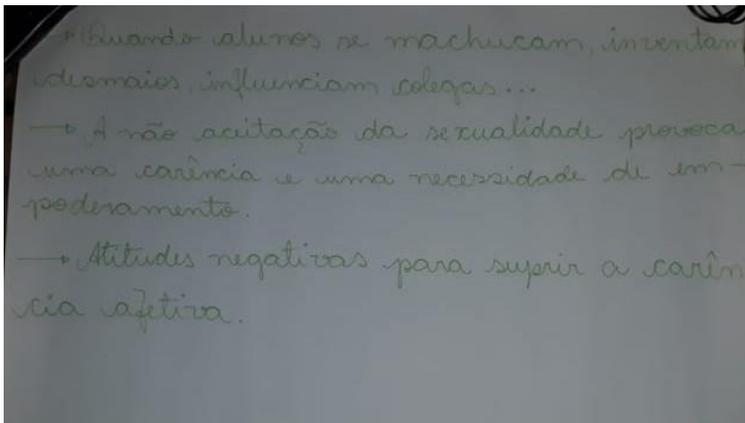


Figura 2: cartaz produzido pelo grupo que escolheu a frase "Pare de querer chamar tanta atenção". Frases do cartaz: "Quando os alunos se machucam, inventam desmaios, influenciam os colegas...", "A não aceitação da sexualidade provoca uma carência e uma necessidade de empoderamento" e "Atitudes negativas para suprir a carência afetiva".

As professoras, muitas vezes, associavam o "querer chamar atenção" com a necessidade de atenção da família, o que fazia com que a/o estudante agisse de uma maneira considerada diferente e, às vezes, até mesmo trabalhosa dentro da escola. São comportamentos citados pelo grupo: ajustar o uniforme para parecer mais curto e justo, dizer que participa de gangues a fim de ganhar respeito das/dos colegas e meninas que "ficam" com outras meninas para se sentirem incluídas no grupo de amigas.

Quando questionadas se abordam ou não relações de gênero dentro da sala de aula, uma das professoras de Biologia respondeu que abordar superficialmente ao tratar do sistema reprodutor. Entretanto, a abordagem se limita a dizer que existem pessoas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascer, uma vez que há o receio de responsáveis pela/o estudante reclamarem, alegando que determinados assuntos não são de responsabilidade da escola.

Duas, dentre as sete professoras, disseram saber a importância de abordar a temática dentro do espaço escolar, umas até levantaram que tem a vontade de fazê-lo, mas que têm receio de como isso chegará aos ouvidos da família visto que o tema ainda é considerado um tabu por parte da sociedade.

A postura da maioria das participantes era muito conservadora (no sentido de estar conservada à um posicionamento hegemônico), perceptível em falas como quanto à responsabilidade (quase que exclusiva) da família em abordar a temática. Por vezes, algumas afirmaram “sou machista mesmo” “se for assim, eu sou homofóbica” e “o feminismo ‘ferrou’ as mulheres”.

Uma das professoras levantou uma crítica ao movimento feminista ao falar que o “o feminismo ferrou as mulheres”. Tal crítica foi justificada com o argumento de que antigamente as mulheres tinham que ficar em casa cuidando do lar e das crianças e que agora elas precisam trabalhar fora de casa.

Uma professora levantou que a forma chamativa (arrumando brigas, dizendo participar de gangues, respondendo mal as professoras e funcionárias/os da escola) as/os estudantes se comportam dentro da sala de aula é reflexo da educação ou falta dela oferecida pela família dentro de casa. O restante do grupo foi contribuindo na discussão sobre o ponto levantado. “Os pais passam cada vez menos tempo com os filhos. Alguns até entregam as crianças para serem cuidadas pelos avós que têm uma postura menos rígida e acabam mimando mais os netos”.

Já durante o segundo encontro, quando foi possível vivenciar coletivamente análise de livros didáticos. Em seguida, são perguntados sobre a diversidade apresentada nos livros. São exemplos das perguntas “Como mulheres e homens são representados?” “Há diversidade de corpos? (Altos, baixos, gordos, magros, brancos, negros, indígenas, homens e mulheres, pessoas com deficiências e etc.)?” “Os textos dos livros têm linguagem

inclusiva, ou seja, usam “ser humano” ou “pessoa humana” em vez de ‘homem’? ” “Usam o masculino e feminino das palavras ou ‘o/a’ diante de palavras comuns aos dois gêneros? ”

Enquanto o grupo discutia sobre as perguntas, suas falas e pontos que tomaram mais tempo durante a discussão foram anotados em um papel.

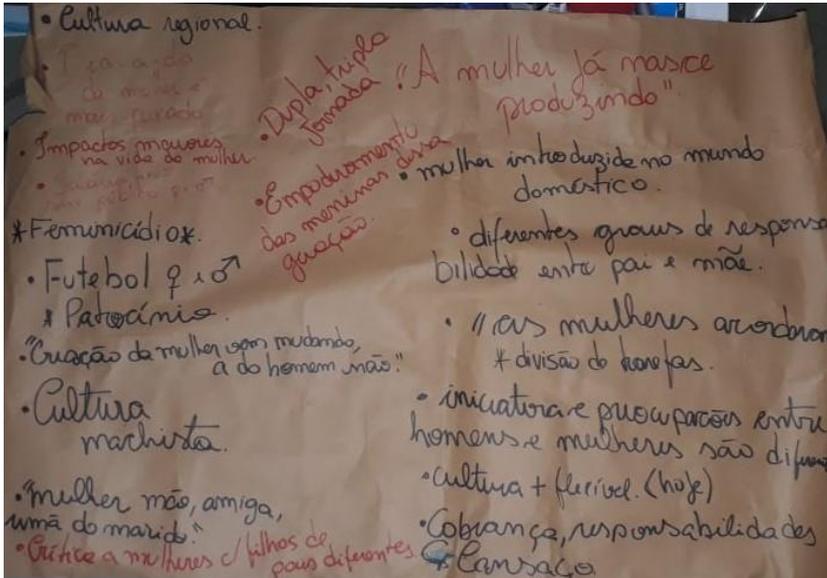


Figura 3: pontos levantados pelo grupo durante a discussão. “Cultura regional”, “Dia-a-dia da mulher é mais puxado”, “Impactos maiores na vida das mulheres”, “Salários na rede pública é igual para homens e mulheres”, “Feminicídio”, “Patrocínio no futebol”, “Criação da mulher vem mudando, do homem não”, “Cultura machista”, “Mulher [é] mãe, amiga, irmã do marido”, “Crítica a mulheres com filhos de pais diferentes”, “A mulher já nasce produzindo”, “mulher introduzida no mundo doméstico”, “diferentes graus de responsabilidade entre pai e mãe”, “As mulheres acordaram [em relação a divisão das tarefas domésticas]”, “Iniciativas e preocupações entre homens e mulheres são diferentes”, “cultura mais flexível [hoje]” e “Cobrança e responsabilidades [geram] cansaço”.

As professoras disseram que os livros consultados apresentavam uma grande variedade de pessoas. Uma das participantes da oficina disse que no livro que ela pegou tinha um capítulo que trazia as diferentes configurações de famílias. Em relação à representação das/dos professoras/es nos livros, as professoras disseram que só apareciam homens ocupando essa função e, quando questionadas se isso gerava algum incômodo, disseram que não pois sabiam que mulheres também lecionam.

Em algum momento da discussão, duas professoras falaram sobre as preocupações com os filhos que moram distante das famílias. Enquanto as preocupações da mãe de um homem eram com o que ele ia comer, quem ia limpar a casa, quem cuidaria dele se ele adoecesse, as preocupações da mãe da mulher eram em relação à segurança da filha, andando sozinha e aos perigos aos quais ela estava exposta.

O grupo ressaltou as diferenças entre as responsabilidades atribuídas a homens e a mulheres. Enquanto uma parte das mulheres mães trabalham fora e, ao chegar em casa, ainda precisam cuidar dos afazeres domésticos, as atividades realizadas pelos homens pais, dentro do lar, são aquelas que a esposa insiste para que façam. Também foi levantado que “a mulher já nasce produzindo” no que diz respeito às atribuições dadas às mulheres desde cedo como cuidar da casa e das/dos irmãs/os.

Foi levantado um ponto interessante. Uma das participantes relacionou o número crescente de casos de feminicídio com as mudanças comportamentais de uma geração para outra. Levantaram que a onda de empoderamento vivenciada pelas mulheres no que diz respeito a não aceitarem ser submissas, a exigir a divisão de tarefas dentro do lar, exigirem um tratamento melhor e mais humano por parte da sociedade, não foi trabalhado nos homens que ainda acreditam que podem tratar as mulheres “como antigamente”. Daí a fala “a criação da mulher vem mudando, do homem não”.

No final do encontro, como pedido, as professoras elaboraram uma proposta para trabalhar o tema gênero dentro da sala de aula. Propuseram uma roda de conversa, mas, para isso, gostariam de chamar alguém que estivesse preparado para abordar o assunto e sanar as dúvidas das/dos estudante enquanto tomasse cuidado em como fazê-lo visto a preocupação com as possíveis reações negativas das famílias. Uma professora propôs que pedissem que as/os alunas/alunos escrevessem uma redação com o tema “Respeito as diferenças”. O feedback em relação aos trabalhos das/dos estudantes seria dado por meio da análise dos textos pelas professoras, fazendo um levantamento dos assuntos mais abordados nas redações. Propuseram, também, um filme a ser escolhido como momento de reflexão além de levar um/a profissional capacitado para mediar o debate.

Após o encerramento das atividades, as professoras agradeceram pela oficina e pelo espaço de debate que ela favoreceu. Em suas falas, evidenciaram o quão importante é ter momentos assim, de fala e de reflexão. É nítido, então, a partir de então, o quão indispensável é ter espaços onde elaboração coletiva de recursos e estratégias pedagógicas aconteçam. Sendo assim, este trabalho traz a evidência do quão indispensável é trabalhar a temática gênero e diversidade em ambientes formais de ensino, considerando o seu caráter político e transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho foi possível observar as demandas em relação à formação de professoras e professores no tema gênero e diversidade.

Apesar da postura conservadora de alguns, muitas professoras e professores se mostram abertas/os ao tema por saberem a necessidade da abordagem dele no âmbito escolar. Porém, há o grande empecilho que é o de não saber como fazer essa abordagem. Faltam orientação, oficinas de formação e espaço na grade de atividades da escola. A postura conservadora de algumas famílias coage as/os docentes que sentem a necessidade de abordar o tema.

É fato que, as pessoas têm medo de como abordar determinados assuntos que ainda são considerados polêmicos pela sociedade e de como o que é dito dentro da sala de aula chegará aos ouvidos das famílias responsáveis pelos/as estudantes. Uma forma de atuar diante disso seria convidar a família a participar de modo colaborativo do que se propõe nas escolas, conversar com as famílias sobre a importância em abordar o tema, evidenciar dúvidas a partir das/os próprias/os alunas/os e buscar respostas coletivamente. Acredita-se que o trabalho colaborativo envolvendo a comunidade escolar pode ser importante na abordagem do tema gênero e diversidade

E, assim, como defendem Da Silva e Weide (201), a escola pode ser transformada ao usar seu espaço como um ponto de pessoas comprometidas com diálogo, reflexão e a prática, transformando-se em um “ambiente democrático, de estudo e de construção de pessoas que querem uma transformação” (p.34).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ARAÚJO, O.F. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. Em: AQUINO, J.G. (org). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.** (p.31-47). São Paulo: Summus editorial, 1998.
- BERALDO, F.N.M. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABPEE)**, n.1, p.103-104, 2003.
- BORTOLINI, A. Diversidade sexual na escola. Em: COSTA, Horácio. **Retratos do Brasil homossexual: fronteira, subjetividade e fronteiras** (p.667-686). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. Parecer CNE/CP nº 9/2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB, DICEI: 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento do Distrito Federal – Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais.** Brasília: Secretaria de Educação do Distrito Federal, 2018.
- CANAU, V.M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, n.37, v.13, p.45-56, 2008.
- CASTRO, M.; ABROMAVAY, M.; SILVA, L.B. Juventudes e sexualidade. Brasília, Unesco, 2004
- CORRÊA, C.I.M. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos.** Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.
- COSTA, E.C. **A diversidade na escola: identificando e trabalhando com os fatores que geram exclusões.** Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2015.
- DA SILVA, A.J.; WEID, D.F. Função social da escola: Promoção humana e transformação. Em: DA SILVA, A.J.; WEID, D.F. **A função social da escola** (p.33-48) Paraná: Unicentro, [201?]

DARSIE, C.; SARAIVA, E.S. Gênero e diversidade sexual na educação. **Reflexão e ação**, n.1, v.24, 2016.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em:<
<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>> Acesso em: 18/11/18.

GONÇALVES, Y. P. **Currículo e prática docente assistentes sociais no exercício da docência: aprendizagem do saber ensinar**. Tese doutorado em educação: currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2007.

HAGUETTE, T.M.F. Pesquisa-ação e pesquisa participante. Em: HAGUETTE, T.M.F. Metodologias qualitativas na sociologia. (p.109-170). Petrópolis: Vozes, 1999.

MEDEIROS, L.M.B; BEZERRA, C.C. Algumas considerações sobre a formação continuada de professores a partir das necessidades formativas em novas tecnologias na educação. In: SOUSA, RP., et al., orgs. **Teorias e práticas em tecnologias educacionais** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 17-37.

LOURO, G.L. Corpo, escola e identidade. **Educação e realidade**, n.2, v.25, p.59-75, jul/dez 2000.

LOURO, G.L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação docente**, n.4, v.3, p.62-70, 2011

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. A análise de dados e algumas questões relacionadas à objetividade e à validade nas abordagens qualitativas. Em: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. (p.45-53). São Paulo: EPU, 1986.

RODRIGUES, A.R.F.; SALLES, G.D. **Educação sexual, gênero e diversidade sexual: formação de professoras e alunas multiplicadoras como metodologia de ensino**. Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

SANTOS, I.A. **Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica**. Produção Didático-Pedagógica – Caderno Temático – apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE. Cornélio Procopio, 2008.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, n.40, v. 14, 2009.

SILVA, A.M. A relevância da formação continuada do (a) professor (a) de educação infantil para uma prática reflexiva. Anais da III Jornada de Didática: **Desafios para a Docência e II Seminário de Pesquisa do CEMAD**, julho de 2014, UEL. Londrina, 2014. 69-81.

SILVA, F.F.; MAGALHÃES, J.C. Descolad@s, divertid@s, atrevid@s e diferentes: Discutindo representações de gênero. Em: RIBEIRO, P.R.C.; QUADRADO, R.P. (orgs). **Corpos, gênero e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.** (p.30-34) Rio Grande: Editora da FURGS, 2013.

SOARES, L. **Cabeça de Porco.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Jéssica Rayanne Messias Freitas, estudante de graduação do curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina- FUP, estou realizando uma pesquisa, sob orientação da Professora Thatianny Alves De Lima Silva, que tem por objetivo identificar concepções prévias de professores e professoras quanto ao gênero, diversidade e a atuação dos mesmos e mesmas ao abordar a temática em sala de aula.

Para coleta de dados, serão realizados 2 encontros, totalizando 4 horas. Para registro dos dados utilizarei gravações em áudio, diário de bordo e produções elaboradas pelo grupo. A atividade será realizada dentro do espaço escolar durante o período de coordenação pessoal.

Seu nome não será divulgado em hipótese alguma, garanto sigilo da informação e que os dados obtidos serão analisados coletivamente. Sua participação nesta pesquisa é voluntária. Portanto, você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo para você.

O uso posterior desses dados será restrito ao estudo e divulgação colaborando inclusive para pesquisas no que tange a formação de professoras e professores.

Se tiver dúvidas sobre a pesquisa, contate-nos:

Jéssica Rayanne Messias Freitas

Aluna de graduação do curso de Ciências Naturais

E-mail: jessicarmfreitas1@gmail.com

Thatianny Alves De Lima Silva

Professora da Faculdade UnB Planaltina

E-mail: tatybiounb@gmail.com

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, _____,
DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSENTO a minha participação nesta pesquisa, para fins de estudo, publicação em revistas científicas, livros, anais de congresso e/ou em atividades de formação de profissionais e construção de políticas públicas.

Brasília, DF ___/_____/_____.

Assinatura